



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS
CLÁSSICAS - LIP
DISCIPLINA: SEMINÁRIO DE PORTUGUÊS
SEMESTRE: 2/2016
PROFESSOR DOUTOR: MARCUS VINICIUS DA SILVA LUNGUINHO**

GIULLIANA DINIZ PANTUZZO

**Análise diacrônica e morfológica do particípio presente latino
no português contemporâneo**

**BRASÍLIA
2016**

GIULLIANA DINIZ PANTUZZO

Análise diacrônica e morfológica do particípio presente latino no português contemporâneo

Artigo produzido sob a orientação do Prof. Dr. Marcus Vinicius da Silva Lunguinho à disciplina Seminário de Português, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília (UnB).

BRASÍLIA

2016

SUMÁRIO

1. REVISITANDO A MORFOLOGIA.....	3
1.1 Caracterização de elementos mórficos	
1.2 Processos de formação de palavras	
2. PARTICÍPIO PRESENTE NO LATIM.....	7
3. O PARTICÍPIO PRESENTE: VISÃO A PARTIR DA ANÁLISE DE GRAMÁTICAS.....	9
4. NAS ABORDAGENS MAIS RECENTES.....	13
5. Estudo de composicionalidade e análise das formas terminadas em -nte no português contemporâneo.....	15
6. CONCLUSÃO.....	18

**Análise diacrônica e morfológica do particípio presente latino no
português contemporâneo**

RESUMO:

O objeto de estudo é o particípio presente. O particípio é ensinado nas escolas e faculdades como uma forma nominal do verbo, sendo apresentado como “particípio passado”, mas não se vê as formas do futuro e presente como “formas nominais do verbo” de gramáticas e livros de morfologia. Se o particípio presente “não existe” em português, não haveria razão nem de classificarmos o que é ensinado como “passado”. O objetivo do artigo é mostrar em que se transformou essa forma do particípio presente latino no português. O método utilizado na análise é o descritivo-analítico, motivado pela tentativa de identificação do motivo de esse particípio não ser mais usado no português e de identificação do tipo de palavra que ele originou. Por ter essa finalidade, há uma revisão sobre morfologia, uma introdução ao particípio presente no latim e uma análise das obras, e, dessa forma, com base em gramáticas, livros de morfologia e artigos sobre o latim, a pesquisa se dá observando se o particípio presente é abordado em gramáticas e livros de morfologia, e, caso seja, em que capítulo do livro ele aparece. Ainda, há uma análise das estruturas originadas dele quanto à composicionalidade, que consiste, basicamente, em analisar se essas estruturas têm uma base ou não (sendo apenas parte da palavra), e qual o tipo de base mais produtivo para essa recategorização. Pode-se então perceber que o conhecido como particípio presente originou alguns vocábulos terminados em *-nte* no português. Entretanto, nem todos com essa terminação são criados a partir desse particípio latino. Das palavras que se originam do particípio presente latino, os vocábulos do português em *-nte*, quase todos são adjetivos e substantivos, em sua maioria de base verbal.

PALAVRAS-CHAVE: Particípio presente. Latim. Morfologia. Composicionalidade.

1 REVISITANDO A MORFOLOGIA

1.1 Caracterização de elementos mórficos

Para esta primeira parte do trabalho, utiliza-se como base conceitos de morfe, morfologia e morfossintaxe, além da definição de morfema, para que se possa revisar alguns elementos mórficos (raiz, radical, constituinte temático, tema, afixos e desinências). Esse primeiro estudo vai ser feito a fim de se trabalhar os processos de formação de palavras no português adiante, para, em seguida, analisar o particípio presente latino e sua recategorização no português contemporâneo.

Em primeiro lugar, conceituando de forma básica, morfologia é o estudo que se faz quanto à forma das palavras, como estrutura, formação e classificação e, morfossintaxe é o estudo quanto a esses elementos combinados com os da sintaxe, como análise de função sintática. Laroca (2005) caracteriza morfema conforme o estruturalismo clássico de Bloomfield, ao defini-lo como uma “forma significativa recorrente mínima [...] que mantém o mesmo traço semântico em todas as estruturas onde ocorre”. Morfema é, portanto, uma unidade mínima que, sozinha, contém uma informação fixa, por exemplo: *casa – casas – caseiro – caseira*: -s indica o morfema plural dos

nomes; *-eiro* carrega a informação de agente ou profissão; *-o* e *-a* indicam o morfema de gênero e o *cas* é radical, também dotado de significação, como vai ser desenvolvido mais adiante. Em contrapartida, morfe é o menor elemento sem significado sozinho, fazendo sentido quando se junta com o restante da palavra.

Em seguida, é necessário fazer uma distinção entre *raiz* e *radical*. Raiz é o “morfema comum a várias palavras de um mesmo grupo lexical, portador da significação básica desse grupo de palavras” (ROCHA, 1998, p. 102), ou seja, a parte irreduzível que constitui a base da palavra. Ela é, então, uma base primária. Já o radical é “a parte da palavra que está presente em todas as formas de uma mesma palavra” (ROCHA, 1998, p. 103), uma unidade comum a outras palavras e possuidora de significação, algum tipo de “informação idiossincrática de natureza morfológica, sintática e semântica” (VILLALVA, 1994, p. 3). Nele é possível se adicionar morfemas e, dessa forma, é composto por uma raiz e afixo(s), sendo, então, a base secundária.

Ao lado do radical, procedendo flexões, encontra-se o constituinte temático, o elemento que indica o tema e especifica a classe temática das palavras. Nos verbos, o constituinte temático é a unidade denominada vogal temática e indica a conjugação deles. Conforme Villalva (1994), nos nomes e adjetivos, o constituinte temático (índice temático) distingue formas com tema em *-a* (*mosca*); *-e* (*semente*), *-o* (*apresentador*); formas atemáticas, em que a palavra no singular é igual ao radical (*ruim*) e formas com constituintes temáticos marginais (*-as* em *piegas*). O tema seria, desse modo, a junção do radical a um constituinte temático.

Outro elemento mórfico são as desinências, caracterizadas por serem formas fixas a uma palavra, visto que não existem separadamente, assim como outros elementos já citados, e abrangerem as flexões. As desinências nominais indicam as flexões de gênero e número, e as desinências verbais indicam, nos verbos, modo, número, pessoa e tempo. Há uma polêmica acerca da classificação do grau em flexão ou derivação. Gonçalves (2008) cita Mattoso Camara Jr., ao escrever que se considera o grau como flexão porque era assim na tradição latina, em que sufixos dimensivos eram obrigatórios e dependentes da natureza da frase, e que a maioria das gramáticas normativas modernas se

atualizou e passou a considerar como derivação de acordo com a descrição atual da língua.

Assim sendo, com base em Basílio (1987), tem-se que a palavra não é somente uma sequência de morfemas, mas sim uma estrutura formada por uma base acrescida de outros elementos mórficos e de afixo(s). Eles, como citado, unem-se às raízes para formar palavras derivadas, ao contrário das desinências, que só variam, e são classificados em dois tipos: prefixos e sufixos.

Os sufixos e prefixos são elementos mórficos derivacionais que se diferenciam primeiramente por conta de sua posição na palavra (prefixo antecedendo o radical e sufixo aparecendo após ele), porém Villalva (1994) não considera produtivo analisar a posição dos afixos para diferenciá-los, isso porque os sufixos aparecem no mesmo lugar do constituinte temático e das flexões. Dessa forma, é recomendável diferenciá-los por outras características, visto que a diferença entre eles “não é meramente distribucional” (KEHDI, 1992, p. 8).

Há vários tipos de sufixos, e alguns estudos que mostram a possibilidade de prefixos se comportarem como sufixos e vice-versa, entretanto o trabalho não aprofundará essa questão, visto que se visa trabalhar com os procedimentos de formação de palavra, a fim de identificar se existe e qual é o tratamento dado ao processo derivacional do particípio presente no português.

1.2 Processos de formação de palavras

Após a revisão de definições de elementos mórficos, serão trabalhados conceitos iniciais também usados na formação das palavras. Palavra simples é aquela que tem somente um radical; composta tem mais de um; derivada vem de outra palavra e primitiva não tem antecedente. As palavras compostas e derivadas passaram por dois processos de formação de palavras: a composição e a derivação.

Como visto, a derivação se dá também ao acrescentarmos os afixos a um radical. Ela pode ser prefixal, sufixal, parassintética, regressiva e imprópria.

Quanto à derivação prefixal e sufixal, tendo que a diferença entre esses afixos não é meramente distribucional, outro fator de classificação podem ser

as mudanças semânticas, porque os prefixos, que antecedem o radical, não são capazes de mudar a classe da palavra a que se unem, como em *escrever/reescrever*, classificados como verbo, ou em *ativo/inativo*, adjetivos. No português, há inúmeros prefixos de origem latina e grega, e eles carregam um significado, pois mudam a semântica da palavra, como *a* e *an* (gregos) e *des* e *in*, significando negação, como em *amoral, inanalísável, desigual*, etc. Já os sufixos, ao se unirem a um radical, modificam a classe gramatical da palavra, podendo-se usar o significado de um verbo em um substantivo, além de formar novas que podem indicar ação, como em *formatura*; agente, profissão, como em *feirante*; lugar, como em *dormitório* e *cemitério*; qualidade e estado, como em *sensatez* e *beleza*; ciência, doutrina, como em *budismo* e *geometria*; intensidade, como os sufixos de grau, em *lindíssimo*. Além disso, os verbais podem indicar início e repetição, como em *amanhecer* e *folhear* e os nominais podem formar advérbios, como *diariamente*.

Com base também no que foi visto acima e por os sufixos determinarem a classe das palavras que compõem, autores afirmam que, ao contrário do que acontece com os prefixos, “seu estudo nunca perdeu de vista a classe da palavra primitiva [...] em consequência, formou-se um consenso razoável de que os sufixos selecionam a base” (FIGUEIREDO SILVA; MIOTO, 2009, p. 1).

Já a derivação parassintética é definida ao se fazer a adjunção simultânea de prefixos e afixos a um radical. Dessa forma, em uma “relação de solidariedade formal e semântica” (KEHDI, 1992, p. 16), a retirada de um afixo torna a forma da palavra inexistente no português: *entardecer* > **entarde*, **tardecer*.

A derivação regressiva é a formação de substantivos e adjetivos tendo como base um verbo. Nela, o constituinte temático do verbo dá lugar à vogal temática, havendo perda de elementos. Exemplo: *pular* > *pula*; *cantar* > *cantante*.

Já derivação imprópria, conversiva, é quando “uma palavra de uma dada classe passa a ter também as propriedades de uma outra classe, mas sem uma marca morfológica correspondente” (BASÍLIO, 2011, p. 59), ou seja, a conversão da classe de uma palavra sem alteração na estrutura, como em *Ele havia chegado tarde em casa* > *Ele é meu chegado*. Há autores que não consideram esse processo como parte de formação de palavras, visto que não

se dá mudança fonológica, apenas semântica, entretanto, “é preciso lembrar que o ponto de vista funcional nos remete a outro vocábulo” (ROCHA, 1998, p.).

Quanto aos processos de composição na formação de palavras, são encontrados dois tipos e eles se constituem pela presença de dois ou mais radicais em sua estrutura. A composição por justaposição se dá pelo agrupamento de palavras sem a perda de algum elemento mórfico, como em *pernalonga*, *couve-flor*, *girassol*. Na composição por aglutinação, como diz o nome, as palavras se combinam, havendo perda de elementos estruturais ou adaptação fonética, como em *planalto* e *boquiaberto*.

Há ainda outros processos de formação de palavra, como por onomatopeias, abreviações, reduções, siglificação, hibridismo, combinação, neologismo, reduplicação e por estrangeirismo. Todavia, considerando o intuito de se trabalhar com o movimento de transformação e influência do participípio presente na formação de palavras, somente os processos de derivação interessam.

2 PARTICÍPIO PRESENTE NO LATIM

O participípio, classificado hoje como forma não finita do verbo, vem das formas participiais do latim. Sua estrutura e comportamento mudaram, visto que no latim, com base em Botelho (2011), o participípio era usado, no presente e no futuro, na voz ativa, e, no passado, em voz passiva. No português, usa-se em voz passiva. No latim, esse grupo contém palavras que valem por adjetivos e são divididos em três classes: o participípio presente, passado e futuro, em que “o participípio presente expressa uma ação sempre concomitante com a da oração em que ele se encontra” (BOTELHO, 2011, p. 49). Ele era utilizado nas formas *-nti* e *-nte*, que se diferenciavam quanto ao emprego, já que

na forma em “-i” o participípio tinha valor de adjetivo (“*constanti animo*”, “*praesenti tempore*”) e na forma em “-e” o participípio tinha o valor próprio (“*me praesente*”, “*nillo rogante*”, “*ineunte tempestate*”), ou valor de substantivo (“*parente*”, “*cliente*”) (BOTELHO, 2011, p. 50).

O autor também cita casos¹, como o (1), em que o particípio presente podia ser traduzido como adjunto adnominal (desmedido deserto) ou como oração relativa restritiva (que não tem medida); casos em que se opta na tradução classificá-lo como gerúndio, como em (2), o que corresponderia em português a “ardendo” no lugar de “ardente”; casos em que o particípio presente é usado como substantivo, forma verbo-nominal substantivada, classificado como complemento verbal, como em (3) visto que a forma “laedentem” foi substantivada e, com seu complemento em acusativo (“dulcia oscula”) e complementação adverbial (“barbare”), exerce a função de complemento de “speres; casos em que é classificado em adjunto adverbial, como em (4) e casos em que é classificado como adjetivo, funcionando como adjunto adnominal, como em (5).

- (1) “*Te maris et terrae numeroque carentis harenae / mensorem cohibent, Archyta, / pulueris exigui prope latum parua Matinum / (...)*” (XXVIII, v. 1-3)
– “Ó Arquitas, a ti, mensurador do mar e da terra e do deserto carente de medida, pequenos benefícios de um pouco de pó detêm-te próximo ao vasto Matino (...)
- (2) “*(...), uae, meum / feruens difficili bile tumet iecur.*” (XIII, v. 3-4) – “(...), ai!
Meu fígado (com sentido de “íntimo”; “coração”), ardendo de penoso mau humor, fica intumescido.”
- (3) “*Non, si me satis audias, / speres perpetuum dulcia barbare / laedentem oscula, (...)*” (XIII, v. 13-4) – “Se me ouvires bem, não esperarás para sempre quem fere de modo bárbaro os doces lábios, (...)”
- (4) “*(...), uagus et sinistra / labitur ripa loue non probante u- / xorius amnis.*” (II, v. 18-20) – “(...) e, indeciso, escoia-se na margem esquerda, sem o consentimento de Júpiter, o rio que é um marido carinhoso.”
- (5) “*(...) deuiae / olentis uxores mariti*” (XVII, v. 5-7) – “(...) as fêmeas, separadas de (seu) fedorento marido, (...)”

Conforme Bortolanza (2000), em seu estudo sobre o latim e o ensino de português, o uso do particípio presente, com regime verbal, torna-se raro a partir do século II, ou seja, quando termina o latim clássico. Desse modo, a forma que era classificada como particípio presente no latim deu origem a algumas palavras no português, como adjetivos e substantivos, e esse trabalho visa observar como estão classificadas essas palavras, que tipo de base elas

¹ Exemplos retirados de Botelho (2011), ordem alterada para fins de exemplificação.

têm, sua semântica, além de observar se o particípio presente ou a forma *-nte* são abordados em formas nominais do verbo, classes gramaticais ou em formação de palavras em gramáticas, textos e livros de morfologia.

3 O PARTICÍPIO PRESENTE: VISÃO A PARTIR DA ANÁLISE DE GRAMÁTICAS

Na “Gramática Houaiss da Língua Portuguesa”, de José Carlos de Azeredo (2008), no capítulo *as palavras: classe, variação e significação*, dentro de *estrutura das palavras*, o autor lista alguns sufixos como morfemas derivacionais que se colocam depois do radical, mas não apresenta a forma *-nte*, apenas *-inho*, *-idade*, *-ção* e *-ez*.

No tópico *substantivos*, em *substantivos primitivos e derivados*, tendo em vista que as formas terminadas em *-nte* podem ser substantivos derivados de adjetivos, também não apresenta essa possibilidade; cita somente *largura*, *meiguice* e *celebridade*. No tópico *adjetivo*, Azeredo apresenta as mesmas alterações mórficas que classificam os substantivos, dando como exemplo *homem valente(s)*, entretanto não aprofunda essa forma. Dentro desse mesmo capítulo, trabalha algumas questões morfológicas do verbo, mas a única coisa sobre o particípio que traz aparece dentro de *quadro geral das desinências verbais*, em *desinências aspectuais*, e o quadro é apresentado apenas pelo nome das formas nominais e suas terminações (infinitivo *-r*; gerúndio *-ndo* e particípio *-do*), sem abordar o particípio presente.

Na “Gramática Normativa da Língua Portuguesa”, Rocha Lima não aborda o tema em *substantivo* nem em *adjetivos*. Ele traz um exemplo de *prudente* em substantivos, mas para falar que ele não tem acidente de gênero. Já em *verbos*, apresenta as formas nominais em *infinitivo*, *gerúndio* e *particípio passado* somente. Em *formação de palavras*, traz uma lista de sufixos latinos em derivação sufixal, porém não cita o *-nte*. Celso Luft, na “Gramática Moderna Brasileira”, na parte de *morfologia*, traz os conceitos de flexão verbal e, dentro disso, apresenta as formas nominais do verbo, ou formas verbo-nominais, como colocado. Não aborda o particípio como passado, nem presente, apenas fala que é uma forma nominal do verbo, porque “coparticipam da natureza do nome (substantivo, adjetivo, advérbio)” (LUFT, 2002, p. 129) e que o particípio

é um “adjetivo verbal”, trazendo alguns exemplos, nenhum com a terminação *-nte*, e citando que, como adjetivo, concorda com o substantivo e com função verbal fica invariável. Em seguida, há um subtópico sobre *gerúndio e particípio presente*. Nele, o autor discorre sobre toda essa questão da transformação do que era chamado particípio presente em latim para substantivos, adjetivos e preposições no português, exemplificando com “*estante, estudante, lente, ocidente, oriente, ouvinte, parente, pedinte, poente, aparente, ardente, concludente, semelhante, temente, consoante, durante, mediante, salvante, tirante*” (LUFT, 2002, p. 130). Além disso, ele traz que “a língua supriu a lacuna do particípio presente pela oração adjetiva”, como em *temente a deus – que teme a deus*; pelo gerúndio e infinitivo: *vidi eum flentem – vi-o chorando/chorar*.

Luft, como citado anteriormente, não classifica o particípio nas formas nominais como “passado”, isso porque, para ele, “impropriamente se tem dado o nome de particípio presente ao gerúndio. O particípio presente não passou para o português como forma verbal. Tendo-se excluído a denominação *presente*, não há mais necessidade de acrescentar o qualificativo *passado* ao particípio (Antenor Nascentes, CNGB, p. 20 apud Luft, 2002, p. 130). Dessa forma, o autor não classifica o particípio presente como uma forma nominal do verbo em português, mas sim como algo que se transformou e originou o que conhecemos em nomes. Ele considera apenas o particípio as formas terminadas em *-do, -to, -so* e os particípios contraídos com radical + vogal temática nominal, como *-o*, em *gasto* e *-e* em *entregue*. É umas das gramáticas mais completas quanto a esse tema, entretanto não aborda o particípio presente em formação de palavras – derivação e sufixação.

No livro de Coutinho, “Pontos de Gramática Histórica”, em *observações sobre algumas formas verbais*, o particípio passado é conceituado como algo que “se formou por analogia com os verbos da terceira conjugação portuguesa”. O particípio presente é citado algumas vezes em *sufixos nominais latinos*, com a explicação de que *-ante, -ente* e *-inte* são formas em que se juntam a vogal temática dos verbos e o sufixo *-nte* do particípio presente. O autor coloca que esses sufixos “exprimem agência, qualidade ou estado, servindo para formar substantivos e adjetivos, como *tratante, despachante, estudante, ajudante; crente, escrevente, lente, delinquente, pedinte* e *ouvinte*” (COUTINHO, 1976, p. 173). O particípio presente também é citado em

derivação imprópria: “os participios presentes convertem-se em substantivos: amante, nascente, poente, estante, agente, crente, lente, vazante, corrente, enchente, consoante” (COUTINHO, 1976, p. 173) e, além disso, o participio presente é mostrado como algo que pode se transformar não somente em adjetivo ou substantivo, como também em preposição: “os participios presentes e passados transformam-se em preposições: salvo, exceto, durante, consoante, mediante” (COUTINHO, 1976, p. 173).

Cegalla, o capítulo *formação de palavras*, na “Novíssima Gramática da Língua Portuguesa”, cita a derivação imprópria, em que se muda a classe de uma palavra e traz a possibilidade de os participios passarem a substantivos ou adjetivos, como em *feito, passado e ente*. Ele traz uma lista de prefixos latinos, mas não de sufixos de origem latina. Entretanto, o sufixo *-nte* é mais trabalhando quando se afirma que denota profissão, ofício ou agente, como em *escrevente, ajudante, pedinte, ouvinte*, mas o autor não classifica essa forma terminada em *-nte* como participio na parte de “formas nominais do verbo”, como o *-do*.

Williams (1973), em “Do Latim ao Português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa” escreveu um tópico sobre o participio presente, dentro do capítulo *terminações temporais*. Nele, o autor traz um quadro com as terminações do participio presente em latim clássico e em português.

Assim sendo, concluiu, como já citado, que “até o século XVI, o participio presente tinha força verbal, mas no português modernos sobreviveu como adjetivo, ocasionalmente como substantivo, e em poucos casos como preposição, como em *salvante e tirante*” (WILLIAMS, 1973, p. 191); que a terminação *-inte* tem sido preservada em formas eruditas, como em *proveniente, suficiente e oriente*, e que “formas como ‘dormente, servente’ são provavelmente sobrevivências de um período anterior ao advento da terminação *-inte* (WILLIAMS, 1973, p. 191).

Na “Nova Gramática do Português Contemporâneo, de Cunha (1985), em *formação de palavras: derivação sufixal*, são listados alguns sufixos que formam substantivos de verbos, e, dentre eles, *-ante, -ente e -inte* aparecem com sentido de agente, como em *estudante, navegante, afluente, combatente, ouvinte e pedinte*. Há uma observação que diz que “esses sufixos procedem

das terminações do particípio presente latino, com aglutinação da vogal temática da conjugação correspondente” (CUNHA, 1985, p. 97), mas não aprofunda. As formas terminadas em *-nte* também aparecem caracterizadas como formadores de adjetivo com sentido de ação, qualidade, estado, como em *semelhante, tolerante, doente, resistente, constituinte e seguinte*. Há uma observação que diz que essas formas servem para formar substantivo e adjetivos que se substantivam facilmente. Entretanto, sobre o particípio presente em si, em “formas nominais, só cita o particípio, nem presente nem futuro.

Dos livros analisados, a “Moderna Gramática Portuguesa”, de Bechara (2009), é um dos mais completos ao analisar o particípio presente como gerador de palavras no português. Ele não é citado na parte de substantivo ou adjetivo, mas sim no capítulo de formas nominais do verbo, em que o autor cita que

assim se chamam o *infinitivo*, o *particípio* e o *gerúndio*, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes. O infinitivo pode ter função de substantivo (*recordar é viver* = a recordação é vida); o particípio pode valer por um adjetivo (*homem sabido*), e o gerúndio por um advérbio ou adjetivo (*amanhecendo, sairemos* = logo pela manhã sairemos; *água fervendo* = água fervente). Nesta função adjetiva, o gerúndio tem sido apontado como galicismo; porém, é antigo na língua este emprego, quando ocupou o lugar vago deixado pelo particípio presente, que desapareceu do quadro verbal português para ingressar no quadro nominal (BECHARA, 2009, p. 266).

Bechara também aborda o particípio futuro passivo latino em *principais sufixos para formar adjetivos*, porém não discorre sobre o particípio presente. Em “particípios que passaram a preposição e advérbios”, ele também fala da questão das preposições e advérbios que têm origem nos particípios, como *exceto, salvo, mediante, não obstante* e *tirante*. Na lista que Bechara traz de principais sufixos formadores de substantivos, o *-nte* aparece como formador de nomes de agente, como *estudante, requerente* e *ouvinte*, porém não trabalha com a origem desse sufixo.

Conclui-se que, hoje em dia, o particípio presente não é considerado como forma nominal legítima do verbo. Como visto, ele é mais trabalhado na

literatura em processos de formação de palavra, mais especificamente de substantivos, adjetivos e preposições, como no livro de Basílio:

o sufixo sufixo *-nte*, que fazia parte da flexão verbal no latim, correspondendo ao particípio presente, passou a ser no português atual tanto um formador de nomes de agente como um sufixo produtivo formador de adjetivos. Como formador de adjetivos, o sufixo *-nte* se adiciona, sobretudo, a verbos (a) de causação de sentimento; (b) de movimento ou reação fisiológica; e (c) indicadores de estado, conforme exemplificado: a) *comovente, fascinante, edificante, neurotizante, deprimente, instigante*; b) *rastejante, bruxuleante, ofegante, arquejante, resfolegante* e c) *diferente, ocorrente, coincidente, aparente, distante, condizente* (BASÍLIO, 2011, p. 42).

4 NAS ABORDAGENS MAIS RECENTES

Os participios presentes, então, transformaram-se e são usados hoje mais comum e frequentemente como adjetivos. Oliveira (2000) aborda em seu texto “Conservação e mudança do particípio presente no latim tardio e seus reflexos no português” processos de recategorização do particípio presente em adjetivo e substantivo, a chamada nominalização; a recategorização de adjetivos formados pelo particípio presente, usados substantivamente, e a recategorização em advérbio. Além disso, como informação nova, a autora trabalha a ideia de o processo de recategorização abranger a transformação do particípio presente em gerúndio.

A análise do corpus da pesquisa de Oliveira (ano) concluiu que, dentre todos os dados analisados, apenas uma forma se configura como particípio presente em seu valor verbal, como em *voante* e *dormente*; muitas formas são adjetivos; substantivos recategorizados ou substituídas por gerúndio, e, em menor número, aparecem como preposição:

Coutinho (1982, p. 169) afirma que o número de preposições aumentou na língua portuguesa em decorrência do emprego de participios presentes com este valor como: *durante, mediante, salvante, tirante, não obstante, consoante, embargante*. Nesse mesmo caso temos o advérbio *bastante* (OLIVEIRA, 2003, p. 1).

A autora também conclui que esses processos já ocorrem no latim da Idade Média por conta da “indeterminação e ambiguidade do particípio presente como forma híbrida que detém características de verbo e de nome”

(Oliveira, 2000, p. 3). Ela cita ainda que gramáticos e linguistas modernos não abordam exemplos de palavras com a terminação *-nte* com valor verbal, embora existam. Isso porque ele foi recategorizado, e, no caso de algumas palavras, torna-se difícil a classificação por não serem nem verbais nem adjetivas em sua totalidade.

Assim sendo, as estruturas terminadas em *-nte* no português vêm do particípio presente latino, uma forma verbo-nominal, e, desde o período clássico, ele vem perdendo seu valor verbal e se transformando em outras classes gramaticais, como substantivos e adjetivos, preposições, conjunções e advérbios.

Conforme Oliveira (2003), a forma *-nte* é bastante produtiva ao se ter a possibilidade de criação de substantivos e adjetivos utilizados por todas as camadas da sociedade e em textos orais e escritos, sendo possível ver também a adequação dessa terminação à época. Exemplos disso são as palavras em *-nte* que ganharam novos significados, como *pisante* e *ficante*, que não são mais aquele que pisa e aquele que fica, e sim palavras para designar sapatos e uma pessoa com quem se relaciona. Além disso, novas palavras foram criadas, como *viciante*, sendo algo que vicia; *forçante*, aquela pessoa que “força” uma amizade e *transante*, a pessoa com vários parceiros sexuais.

Oliveira (2002) cita exemplos como *temente*, *aderente*, *dependente*, *falante*, *voante* e *dormente* como formas em que o antigo valor verbal do particípio se manteve, “o caráter fundante de verbo” e ainda diz que

o que observamos no português contemporâneo é a proliferação de construções com o adjetivo deverbal em *-nte*, seguido de complemento indireto, ou seja, guardando a transitividade que o caracteriza como forma verbal; assim nos deparamos com exemplos do tipo: “linhas passantes por esse ponto”; (caixa) “inoperante para saque”; Confiantes na palavra do Senhor; Os fólios faltantes no arquivo; Só vamos pagar as horas faltantes para completar o curso; Informações constantes no boletim e [...] estruturas sanitárias reinantes nos locais de trabalho (OLIVEIRA, 2003, p. 2) .

Ela conclui trazendo ainda a ideia de que se pode devolver o caráter verbonominal de algumas formas terminadas em *-nte*, entretanto, alguns autores defendem que “essa forma nominal existe no português moderno com

função puramente adjectiva e não pertence ao paradigma flexional regular inerente a essa língua” (WLODEK, 2003, p. 44).

Ainda, assim como no latim, hoje em dia utiliza-se a forma vinda do particípio presente para substituir uma oração adjectiva relativa. Exemplo: “É uma classe com alunos que falam muito” > classe *falante*.

5 ESTUDO DE COMPOSICIONALIDADE E ANÁLISE DAS FORMAS TERMINADAS EM -NTE NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Para Caetano (2008), “o tipo ‘ideal’ de morfologia é aquele em que se dá a adição de um afixo a uma base, havendo uma relação formal e semanticamente transparente”, ou seja, sendo possível relacionar as partes de alguma maneira.

Desse modo,

De acordo com Said Ali ([1931] 1964 :231), parece coisa extremamente fácil distinguir palavras derivadas de palavras primitivas quando se trata de exemplos como *pedreiro, pedraria, pedregulho ou fechamento, laranjal, bananeira*, que não requerem especial cultivo da inteligência para alguém saber que se filiam respectivamente a *pedra, fechar, laranja, banana* (CAETANO, 2008, p. 5).

Essa relação entre as palavras com o verbo correspondente é um exemplo de composicionalidade na morfologia, princípio que faz referência ao conceito de motivação de Saussure, conforme Caetano (2008).

Ainda,

Em morfologia, composicionalidade é um princípio de análise das palavras complexas, que identifica aquelas cujas propriedades são integralmente determinadas pela sua estrutura e pelas propriedades dos seus constituintes (VILLALVA, 2008, p. 29 apud VELOSO E MARTINS, 2011, p. 560).

Entretanto, há inúmeros casos em que essa relação entre a palavra derivada-primitiva não é recuperada semanticamente, bem como a não recuperação da semântica de um afixo, podendo ser apenas parte da palavra.

Considerando o processo derivacional como produtivo e com base em Caetano (2008), tem-se que a relação entre composicionalidade e produtividade é vista, por exemplo, geralmente o sufixo *-dor* indica agente, então, *lavador; matador e roedor* indicariam “aquele que lava”, “aquele que

mata” e “aquele que rói”, respectivamente, bem como o sufixo *-ura*, indicando qualidade, forma palavras como *fritura*; *grossura* e *secura*, indicando “qualidade do que é frito”; “qualidade do que é grosso” e “qualidade do que é seco”. Villava (2008) traz o exemplo de *idoso* e *audacioso*, em que o *-oso* na segunda palavra funciona como sufixo e na primeira palavra é parte dela. Isso vai ser analisado em outra sessão com palavras terminadas em *-nte*, a forma do antigo particípio presente latino, para estudo de composicionalidade, como em *pensante*, “aquele que pensa”, que retoma *pensar*, mas em *corrente*, o significado não é composicional, visto que não é “aquele que corre”, mas sim um objeto e em *mente*, o *nte* é parte da base da palavra.

Como visto em Lemle e Pederneira (2012), exemplos de palavras não composicionais com bases não verbais são: *aprontar*, que não retoma *pronto*, mas sim indica a ação de fazer bagunça; *infiltrar*, que não retoma *filtro*, mas é também entrar em algum lugar; *especial*, que não retoma *espécie*; *viagem* não retoma *via* e *maçante* não retoma *maça*. São palavras que possuem significado arbitrário, não composicional. Medeiros (2006) traz exemplos de palavras inicialmente não verbais, como *comediante*, *farsante* e *feirante*, visto que não retomam verbos, mas tem interpretações verbais, como “aquele que faz comédia”.

Pensar que as palavras derivadas devem recuperar a semântica da palavra primitiva limitaria a produtividade dos afixos, visto que foram e são criadas diversas palavras que não cumprem esse requisito, como o *pisante*, que, recuperando pelo verbo *pisar* e pelo sufixo *que*, normalmente, indica agente, não é apenas “aquele que pisa”, mas usamos para designar sapatos, e, como abordado por Caetano (2008), *cantaria* não recupera a semântica do verbo *cantar*, mas significa “pedra trabalhada”.

Para o estudo do particípio presente latino no português contemporâneo, após a conclusão de que ele foi recategorizado em nomes e adjetivos, o estudo vai ser feito listando palavras com a terminação *-nte*, que seriam originadas do particípio presente; vendo se são composicionais ou não e, caso sejam, analisando a base delas, se é sempre verbal ou não.

Desse modo, a teoria da Morfologia Distribuída defende que o “o componente morfológico da gramática compreende três etapas: as operações

morfológicas, a inserção vocabular e as regras de reajustamento” (ALCÂNTARA, 2010, p. 7). Para a autora,

é fundamental [...] a questão da *afixação derivacional*, pois, somente através de morfemas derivacionais, sem considerar se têm conteúdo fonológico ou não, é que *raízes desprovidas de categoria morfossintática podem atingir o status de nomes e adjetivos sintaticamente viáveis* (HARRIS, 1999, p. 53 apud ALCÂNTARA, 2010, p. 7).

Portanto, a afixação derivacional se formaliza após a adição do morfema no nível de operações morfológicas e então passam a ser vocábulos independentes. Isso se dá adicionando morfemas às raízes portadoras ou não de categoria.

Ainda no contexto da morfologia distribuída e quanto à análise dos vocábulos terminados em *-nte*, Medeiros (2006, p. 192) defende que nos itens deverbais, como *comovente*, há uma leitura diferente do *-nte*, sendo responsável por uma “leitura frequentemente durativa do evento-estado denotado pela base verbal” citar, enquanto nos itens não-verbais o *-nte* não realiza “nó funcional algum”, sendo “na maioria dos casos, parte do material fonológico das raízes”, como em “docente”.

Quanto à análise da semântica desses vocábulos deverbais terminados em *-nte*, o autor afirma que

ao contrário das formas adjetivas do particípio passado, passivas por natureza, no particípio presente os SDs (sintagmas determinantes) modificados ou descritos por esses adjetivos são sempre interpretados como *sujeitos* dos verbos de que esses adjetivos derivam” (MEDEIROS, 2006, p. 196).

Entretanto, isso não quer dizer que o papel temático relacionado a eles seja sempre de “agente” ou que derivam sempre de um mesmo tipo de verbo. Outra coisa a se observar sobre esse processo de verbo originando nomes ou adjetivos e posteriormente nomes é se a vogal temática é alterada.

Assim sendo, com um corpus composto por 100 palavras terminadas em *-nte*, pode-se dividi-las em quatro grupos: i) particípios composicionais; ii) particípios não composicionais e iii) palavras cujo segmento *-nte* faz parte da base. Ainda é possível analisar que tipo de base tem as palavras do grupo composicional e a que classe de palavra pertence esses vocábulos com a

terminação do particípio latino *-nte*. Em seguida, pode-se analisar se o significado da palavra com terminação em *-nte* é diferente do verbo ou substantivo que a originou.

De 100 palavras analisadas, terminadas em *-nte*, tem-se 83 consideradas composicionais; 6 não composicionais, no sentido de que se formaram por palavras cujo significado não é o mesmo e 11 vocábulos em que o segmento *-nte* é parte deles, sem fazer referência a outro.

Das 83 composicionais, 68 possuem base verbal e 15, base nominal.

6 Conclusão

Com base no que foi visto, particípio é uma forma nominal do verbo. Ele, como conhecemos, pelo particípio passado, dá a ideia de passividade, como em *amado*, entretanto, sua forma conhecida por particípio presente pode remeter a alguém que faz algo, como em *navegante*.

Não se vê no português essas formas terminadas em *-nte* com tanta frequência como vemos as *-ado*. Se tivéssemos conservado o particípio presente latino, teríamos estruturas como “todos os viventes (...)” sendo bastante usadas, mas o que utilizamos é “todos os que vivem”.

Na maioria dos casos vistos, como esperado, o particípio presente se faz presente no português através de palavras terminadas em *-nte*, mas não é uma regra, vide as palavras que possuem essa terminação como parte delas, como “*semente*”. Ele não pertence à categoria dos verbos, nem à forma nominal do verbo, sendo esses vocábulos originados utilizados como adjetivo e substantivo. Também com maior ocorrência, essas palavras possuem base verbal, sendo, portanto, composicionais. Em alguns casos, mesmo sendo composicional, o significado da palavra com terminação *-nte* originada de um verbo pode mudar, como visto em *corrente*, não se referindo àquele que corre, mas ao objeto.

Sobre

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCÂNTARA, Cintia da Costa. *As classes formais do português brasileiro*. Letras de hoje, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 5-15, jan/mar. 2010. Disponível em: <<http://www.sciary.com/journal-scientific-letrasdehoje-article-676617>>. Acesso em: dez. 2016.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical*. Editora Ática. São Paulo. 2007.
- _____. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. 3. ed. – São Paulo: Contexto, 2011.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. rev., ampl. e atual. Conforme Novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BORTOLANZA, João. *O latim e o ensino do português*. In: Revista Philologus, Ano 6, n. 18. Rio de Janeiro: Cifefil, 2000.
- BOTELHO, J. M. Aspectos *morfossintáticos do particípio latino*. In: Revista Philologus, Ano 17, Nº 50. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set/dez 2011.
- CAETANO, Maria C. 2008. *Sobre o conceito de composicionalidade em morfologia*. Lisboa: CLUNL.
- In Valentim, Helena (org.) Cadernos WGT - Composicionalidade, pp. 5-14. Disponível em: <www.clunl.edu.pt/resources/docs/grupos/gramatica/cadernos/comp_mc_caetano.pdf>. Acesso em: dez. 2016.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 46ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. 7ª ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- CUNHA, Celso. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985.
- FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; MIOTO, Carlos. *Considerações sobre a prefixação*. ReVEL, vol. 7, n. 12, 2009.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. Flexão e derivação: o grau. In: VIEIRA, S. & BRANDÃO, S. *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 147-168.

KEHDI, Valter. *Formação de Palavras em Português*. São Paulo: Editora Ática S.A. 1992.

LAROCCA, Mariz Nazaré de Carvalho. *Manual de Morfologia do Português*. 4ª edição, revisada e ampliada, Campinas, SP: Pontes, Juiz de fora MG, UFJF, 2005.

LEMLE, Miriam; PEDERNEIRA, Isabella Lopes. *Inserção lexical ou envoltório lexical? Alfa, rev. linguíst. (São José Rio Preto)*, Dez 2012, vol.56, no.2, p.469-490. ISSN 1981-5794. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n2/06.pdf>>. Acesso em: dez. 2016.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna Gramática Brasileira*. 2a ed. rev. São Paulo: Globo, 2002.

MEDEIROS, Alessandro Boechat de. *O Particípio Presente no Português*. Revista Letras, Curitiba – Paraná, v. 69, p. 193-214, 2006. Disponível em: <revistas.ufpr.br/letras/article/download/7899/5569>. Acesso em: dez. 2016.

_____. *Formas Nominais em –nte do Português do Brasil: uma análise sintática*. Revista do GEL, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 30-56, 2010. Disponível em: <<https://revistadogel.gel.org.br/rg/article/viewFile/77/59>>. Acesso em: dez. 2016.

OLIVEIRA, Jaciara Ornélia Nogueira de. *As formas em –nte no português contemporâneo*. 2003. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anaais/caderno11-05.html>>. Acesso em: dez. 2016.

_____. *Conservação e mudança do particípio presente no latim tardio e seus reflexos no português*. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/vicnlf/anaais/caderno08-08.html>>. Acesso em: dez. 2016.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas Morfológicas do Português*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

ROSA, Maria Carlota. *Introdução à Morfologia*. 5ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

VELOSO, J. e MARTINS, P. T. (2011) – “*Etimologia não é Morfologia: Produtividade e Composicionalidade na formação e processamento dos compostos morfológicos do português*”, in Textos Seleccionados, XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2011. Disponível em: <www.apl.org.pt/docs/26-textos-seleccionados/Veloso_Martins.pdf>. Acesso em: dez. 2016.

VILLALVA, Alina. *Estruturas Morfológicas: Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*. Lisboa, 1994.

_____. *Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta. 2008.

WILLIAMS, Edwin Bucher. *Do Latim ao Português*: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa. Traduzido por Antônio Houaiss. 2ª ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, Brasília, INL, 1973.

WLODEK, Marcin Krzysztof. *O Particípio Português – Formas e Usos*. Romansk Forum, n.17, 2003.